

Cataldo Parísio Sículo, *Provérbios*¹

AMÉRICO DA COSTA RAMALHO
E AUGUSTA FERNANDA OLIVEIRA E SILVA
Universidade de Coimbra

Introdução

Cataldo Parísio Sículo nasceu na Sicília, como o seu *cognomen* indica, em 1455, segundo declaração sua em diversas ocasiões. Veio para Portugal, a convite de D. João II, em 1485, para ensinar o filho bastardo D. Jorge², e aqui faleceu, possivelmente em 1517. Ainda vivia em 1516, conforme o testemunho do Prólogo da *Ars Grammatica* de Estêvão Cavaleiro³. Todavia, há anos que ele se encontrava doente e talvez paralisado⁴.

Os *Prouerbia*, que agora se publicam com tradução portuguesa, foram impressos, pelo menos três vezes, mas nunca traduzidos anteriormente. Com efeito, saíram na edição *princeps* impressa por Valentim Fernandes da Morávia, em Lisboa, em 1500; foram reimpressos nas *Provas da História Genealógica da Casa Real Portuguesa*, vol. II, no século XVIII, por D. António Caetano de Sousa; e impressos pela terceira vez por Guido Batelli, em *O Instituto*, 78, 1929.

Guido Batelli publicou ainda um outro trabalho sobre Cataldo em *O Instituto*, 79, Coimbra, 1930, com o título de “Parísio Cataldo Sículo” que consultámos numa separata de 16 páginas. Infelizmente, é um artigo em que abundam fantasias e inexactidões.

Voltemos, porém, aos *Prouerbia* e mencionemos a carta ao príncipe D. Afonso que os antecede. Esta permite-nos fixar o período em

¹ Estabelecimento do texto latino, introdução, tradução e notas.

² Ver A. Costa Ramalho, *Para a História do Humanismo em Portugal II* (Lisboa 1994) 43-49 e 51-68.

³ Cf. A. Costa Ramalho, *Estudos sobre o Século XVI* (Lisboa 1983) 137.

⁴ A. Costa Ramalho, “O touro e a bigorna: quatro epigramas de Cataldo”, *Humanitas* LII (2000) 286-295

que os *Provérbios* foram compostos, entre 1485 e 13 de Julho de 1491, data em que o príncipe faleceu. Mas também é possível que já fizessem parte do arsenal pedagógico que Cataldo trouxera consigo de Itália, como professor experiente que era. Sim, porque os *Provérbios* faziam parte da bibliografia de ensino do Latim, corrente ao tempo.

Juntamente com as regras de construção do latim, as frases transmitiam aos alunos informações culturais variadas e conselhos práticos para bem governar a vida. Curiosamente, a correspondência é disso testemunho. Em *Epistolae II*, folha A₆, dois pequenos bilhetes dirigidos a D. Jorge — a segunda e a quarta cartas — aludem claramente ao uso prático dos *Prouerbia* de Cataldo.

Um dos livros mais famosos neste género foram os *Adagia* de Erasmo, alguns dos quais o humanista de Roterdão desenvolveu a ponto de se tornarem dissertações morais como o conhecido *Dulce Bellum inexpertis*⁵ ou *Spartam nactus es, hanc orna*⁶.

A carta ao príncipe D. Afonso refere-se também a uma espécie de *Estilística Latina* que Cataldo teria escrito e oferecido ao príncipe, juntamente com os provérbios. Como estes constituíam um pequeno volume, foram incluídos em *Epistolae et orationes quaedam*, isto é, *Epistolae I*. Quanto à *Estilística Latina*, foi publicada por Manuel Saraiva Barreto com o título de “Uma *Ars Eloquentiae* dos Primórdios do Humanismo em Portugal”, no *Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra*, 37, 1982, pp. 133-160.

Saraiva Barreto atribuiu, com algumas reservas, a *Estilística Latina* a Cataldo Parísio. Tive ocasião de confirmar a autoria do livro, a que faltam as páginas iniciais, utilizando exemplos da correspondência do Sículo. A primeira vez foi em nota intitulada “O Humanismo Português e a Itália”, em *Humanitas*, XXXIII-XXXIV, Coimbra, 1981-

⁵ Ver, em língua portuguesa, Erasmo de Roterdão, *A Guerra e Queixa da Paz*. Introdução, tradução do latim e notas de A. Guimarães Pinto (Lisboa 1999).

⁶ Ver A. Costa Ramalho, *Para a História do Humanismo em Portugal III* (Lisboa 1998) 80.

-1982, reimpressa em *Para a História do Humanismo em Portugal I*, Coimbra, 1988, pp. 193-197.

E voltei a ocupar-me da *Estilística Latina* no artigo com o título de “Ainda a autoria da *Ars Eloquentiae* da Biblioteca Pública de Évora”, *Revista da Universidade de Coimbra*, 37, 2ª parte (*Homenagem a Luís de Albuquerque*), 1992. Foi reimpresso em *Para a História do Humanismo em Portugal II*, Lisboa, FCG/ JNICT, 1994, pp.103-106.

A segunda nota destinava-se a esclarecer o exemplo mais curioso citado na primeira. Com efeito, nesta, falava-se da rivalidade entre dois professores de Direito, italianos, Barbatius e Alexander. Barbatius era meu conhecido de *Epistolae I* de Cataldo. Tratava-se de Andrea Barbazza, siciliano como Cataldo, e famoso professor de Bolonha.

Alexander só consegui identificá-lo após investigações feitas na Biblioteca Nacional de Paris. Era Alessandro Tartagni, igualmente jurista célebre. Cataldo deve tê-los conhecido nos anos em que frequentou a Universidade de Bolonha, antes de se doutorar mais tarde em Ferrara.

Deste modo, a exemplificação latina reflecte a própria experiência de vida de Cataldo Parísio, tanto nos *Prouerbia* como na *Ars Eloquentiae*.

Quanto aos *Provérbios*, um bom exemplo dessa vivência encontra-se no provérbio final, em que o humanista recorda uma situação da sua juventude impecuniosa no meio dos esplendores de Veneza. O leitor é convidado a ler e a saborear esse anedótico episódio.

Atribuímos uma numeração aos provérbios por razões de utilidade prática, para mais facilmente poderem ser identificados e referenciados. Conservámos a seriação alfabética da primeira palavra de cada provérbio, usada por Cataldo.

Ao lado da tradução portuguesa, encontra-se o texto latino que reescrevemos em caracteres correntes, desdobrando as abreviaturas da escrita gótica.

No final, anexa-se o texto tal como foi impresso na edição quinhentista, para consulta dos interessados.

Cataldus Alphonso Portugaliae principi. Salutem.

Posteaquam opus illud ab inuictissimo rege, patre tuo, mihi demandatum praefeceram, fortunatissime princeps, cogitavi mecum quid nam et arguto ingenio tuorum et isti probae indoli iocundum ac conducibile tali tempore existeret.

Duo potissimum mihi in mentem uenerunt: alterum moralis fuit disciplina prouerbiis quibusdam annotata; alterum uero polite, ornate, pulchreque dicendi genus. Ex quibus tum uoluptatem, tum emolumentum aliquid Celsitudini Tuae futurum iudicavi. Nec non tui amantissimo patri rem gratissimam fore arbitratus sum.

Quas quidem lucubrationunculas qualescumque et quantaecumque sunt, ut nomini tuo sponte dicaimus, ita iussu tuo infectas adhuc, tibi emisimus ut, donec reliquum absolueremus, aliquam his principiis operam dares; utique tu ipse nullo indigens interprete a moralibus ad elegantias te transferres, rursus ab elegantibus ad moralia animum deduceres.

Quo fieret ut paucis post diebus ex illustri multo efficereris illustrior.

Et quemadmodum ceteros principes ingenio, moribus atque omnibus animi corporisque uirtutibus excellis, ita bonis artibus optimisque institutionibus uinceris.

Fac, precor, ne plus curae in te formando habuerit natura quam tumet in te ipso expoliendo, exornandoque adhibueris diligentiae.

Cataldo ao príncipe Afonso de Portugal⁷. Saudações.

Depois de eu ter completado aquela obra⁸ que me foi pedida pelo invictíssimo rei, teu pai, reflecti comigo sobre que coisa seria agradável e útil não só para o fino engenho dos teus familiares, mas também para essa tua índole virtuosa, num tempo como este.

Acima de tudo, dois projectos me vieram à mente: um foi a disciplina moral anotada em alguns provérbios; outro, porém, foi o modo de falar polidamente, com elegância e beleza. E destes trabalhos, eu pensei que havia de resultar, para Tua Alteza, quer prazer, quer algum proveito. E também para teu amantíssimo pai, penso que seria uma coisa muito agradável.

E estas simples reflexões, por insignificantes que sejam e de pouco valor, assim como as dedicámos espontaneamente ao teu nome, assim, por tua ordem, a ti as enviámos ainda imperfeitas para que, até acabarmos o que falta, prestasses alguma atenção a este começo; e para que tu próprio, sem precisar de ajuda, pudesses transferir-te da moral para a elegância do estilo e, inversamente, conduzisses o teu espírito do estilo elegante para a moral. E assim aconteceria que, em poucos dias, te tornasses, de ilustre, muito mais ilustre.

E, assim como tu excedes os outros príncipes no engenho, nos costumes e em todas as virtudes da alma e do corpo, assim também os vencesses em boas acções e excelente educação.

Esforça-te, peço, por que não tenha tido a natureza mais empenho em modelar-te do que tu próprio diligência em polir-te e aperfeiçoar-te⁹.

⁷ Filho do rei D. João II e de sua prima e mulher, a rainha D. Leonor. Veio a falecer em Santarém, oito meses depois do seu casamento, da queda de um cavalo, a 13 de Julho de 1491. Sobre as relações do príncipe com Cataldo, ver o capítulo “Cataldo e a morte do príncipe D. Afonso” em A. C. R., *Para a História do Humanismo em Portugal*, II (Lisboa 1994) 43 ss..

⁸ A obra em questão deve ser o poema “De Perfecto Homine”. Cf. artigo citado na nota anterior.

⁹ A atitude de valorização espiritual, do indivíduo, por esforço próprio, é corrente na tradição humanística do Renascimento.

Quod si facies parentibus in primis et populis non minus fere
externis quam tuis rem periocundam te facturum existima.

Meque ex faustis initiis ad ampliora et ad huius praecipue operis
absolutionem plurimum excitabis. Vale.

E se assim procederes, pensa que farás coisa muito agradável aos teus pais, em primeiro lugar, e aos povos estrangeiros não menos do que aos teus.

E, a partir de auspiciosos começos, incentivar-me-ás muito a outros trabalhos e, sobretudo, à conclusão desta obra. Adeus.

PROVERBIA

A

1. Ante alios uenerare Deum, uenerare parentes.
2. Amens est qui Deum non timet.
3. A peccato abstinet qui diuinam maiestatem contemplatur.
4. Anima ex corporis actionibus pendet.
5. A ueritate prorsus abhorret qui corpori non animae studet.
6. Amicorum proprium est prosperis congratulari, aduersis succurrere.
7. Arrogantia est se ipsum commendare, ignorantia suo loco tacere.
8. Afflicto nihil est dulcius opportuna consolatione.
9. Ad bonas artes feruens incumbe ob temporis celeritatem. Peritia illustrat, imperitia foedat.
10. Amarum et dulce: castigatio et luxuria. Medicina amara corpus, confessio amarissima animam curat.
11. Amice, equidem nesciui te aegrotasse quia uisitassem: insulsa et inepta excusatio. Debuisti scire.
12. Adulator ceteris uespa est suis uipera.
13. Adulatoris multo magis quam alterius uerbis magnorum principum ingenia corrumpuntur.
14. Amor placet, Venus non placet.

PROVÉRBIOS

A

1. Acima dos outros venera Deus, venera os pais.
2. Louco é aquele que não teme a Deus.
3. Abstém-se de pecado aquele que contempla a majestade divina.
4. O espírito depende das acções do corpo.
5. Afasta-se completamente da verdade aquele que exercita o corpo e não exercita a alma.
6. É próprio dos amigos congratular-se com a prosperidade, socorrer na adversidade.
7. Arrogância é louvar-se a si próprio; ignorância é estar calado quando chega a sua vez de falar.
8. Para o aflito, nada é mais doce do que a consolação oportuna.
9. Aplica-te, com fervor, às boas artes porque o tempo passa depressa. A competência dá brilho, a incompetência mancha.
10. Uma coisa amarga e outra doce: o castigo e a luxúria. O remédio amargo cura o corpo, e a confissão muito amarga cura a alma.
11. Amigo, na verdade, não soube que estiveste doente, pois ter-te-ia visitado. Desculpa sem graça nem jeito. Devias ter sabido.
12. O adulator, para os estranhos, é uma vespa; para os seus é uma víbora.
13. Com as palavras de um adulator, muito mais do que com as de outro qualquer, se corrompe o carácter dos grandes príncipes.
14. Que o amor agrade, mas não a luxúria.

B

15. Beatus is esse non potest, cui aliqua rerum inest perturbatio.
16. Bona quaerenda nobis sunt, ut quaesitis ad utriusque uitae commoditatem bene utamur.
17. Bonorum amissionem, si quis a pueritia non ita edoctus est, ut resarcire aut aequo animo ferre possit, se ipsum quoque penitus amittet.
18. Balbum sola necessitas eloquentem reddit.
19. Bis in paupertatem qui sua culpa deuenit nec eam reppulit, infortuna-tissimus est.

C

20. Corpus nitidum seruare debemus, multo nitidiorem animam.
21. Clementia magna est nocentibus parcere; maior cum possis non officere; maxima benefacere.
22. Cui seruias diligenter inspicio ne postmodum de te ipso conqueraris.
23. Confide uirtuti.
24. Clericus uacans otio, e numero bonorum reiiciendus est.
25. Cicero etiam maledicendo benedixit.
26. Caue ne nimia amici liberalitas te rusticum faciat.
27. Cultus ager si spinas producit, mali soli natura est; ita homo instructus si uitiosus sit mali ingenii est.

B

15. Não pode ser feliz aquele em quem existe alguma perturbação.
16. Devemos procurar a fortuna a fim de, depois de adquirida, a usarmos bem para vantagem de uma e outra vida.
17. Quanto à perda de bens, se alguém, desde a infância, não foi bem ensinado de modo a que possa, ou compensá-la, ou sofrê-la com ânimo sereno, também a si próprio se perderá por completo.
18. A um gago só a necessidade torna eloquente.
19. É duplamente infeliz quem, por sua culpa, caiu na pobreza e não a afastou.

C

20. Devemos conservar limpo o corpo e muito mais limpa a alma.
21. Grande clemência é perdoar a quem nos fez mal; maior, não lhe causar dano ainda que o possas fazer; máxima, fazer-lhe bem.
22. A quem sirvas, observa com diligência para que, depois, não te queixes de ti próprio.
23. Confia na virtude.
24. O clérigo que se dá ao ócio deve ser rejeitado do número dos bons.
25. Cícero, até maldizendo, disse bem.
26. Toma cuidado, não vá a excessiva generosidade de um amigo tornar--te um rústico.
27. Um campo cultivado, se produz espinhos, má é a natureza do solo; assim um homem instruído, se é vicioso, mau é o seu carácter.

D

28. Difficillimum est inter mortales sine molestiis uiuere.
29. Deus non minus in hoc quam in altero saeculo peccatores punit.
30. Duo sunt inimici capitales: uirtus et uitium.
31. Diues indoctus sine moribus quaedam pecus haberi debet.

E

32. Eo modo uiue ut perpetuo uiuas.

F

33. Fortuna uel industria amicitias praebet, seruat prudentia.
34. Fac abhorreas ab eo quod in aliis turpe existimas.

G

35. Genus in homine minus quaerendum est quam uirtus.
36. Graue est ab amico palam offendi, grauius latenter laedi.
37. Geminatus debet esse dolor, bis reprehenso, errare.
38. Gesta clarissimorum in omni uirtutum genere imitanda nobis proponamus.

H

39. Homini nullum animal commodius et perniciosius muliere.
40. Hoc habent naturale uirtus et uitium ut diu latere nequeant.
41. Humanitas nocuit, nocuit diuinitas.

D

28. Dificílimo é viver entre os mortais sem inquietações.
29. Deus castiga os pecadores, não menos na vida presente que na futura.
30. Há dois inimigos capitais: a virtude e o vício.
31. Um rico ignorante, sem maneiras, deve ser considerado como uma espécie de animal.

E

32. Vive de modo tal que vivas perpetuamente.

F

33. A sorte ou o trabalho propicia as amizades, a prudência conserva-as.
34. Faze por evitar aquilo que, nos outros, consideras vergonhoso.

G

35. No homem, a nobreza de nascimento deve desejar-se menos que a virtude.
36. É grave ser ofendido pelo amigo publicamente, mais grave é ser lesado secretamente.
37. Deve ser uma dupla dor errar, depois de duas vezes repreendido.
38. Proponhamo-nos imitar os feitos dos homens mais notáveis em todo o género de virtudes.

H

39. Para o homem, nenhum animal é mais vantajoso e mais perigoso do que a mulher.
40. Têm isto de natural a virtude e o vício, que não podem esconder-se por muito tempo.
41. A compreensão saiu prejudicada, prejudicada saiu a perfeição.

42. Habet id boni aegrotatio: omnes iniurias remittimus, odia deponimus, quodque optimum est, Deo propinqui efficimur et in posterum prudentiores.

I

43. Inuidi poena est, non inuidiosi.
44. Iniuriam inferre non decet, multo minus non remittere.
45. Id¹⁰ semper age quod te egisse nunquam paeniteat.
46. Inter fortes habendus est is quem ratio mouet, non autem ira.
47. Iuuenilis aetas iuuenilia exposcit.
48. Iudex negans alteri litigantium iustitiam, plures interdum inducit iniustitias.
49. Infelicissimum genus eorum est qui de aliis tantum praedicant, de se nihil habentes.
50. Illum uere amicum reputa qui nulla emolumentorum spe neque ulla ductus gratia te frequentat.
51. In consulendo agas te senem, in irascendo puerum imitare.
52. Is est penitus mentis inops qui solum praesentis non futuri memor sit saeculi.

L

53. Lenitur saltem omnis dolor amicorum consolationibus.
54. Labor honestarum rerum quanto durior uidetur, tanto iocundior futurus est.
55. Labra et dentes, otiosi uerbi, non boni sunt frena.

¹⁰ No original, *Is*, manifestamente errado.

42. Tem isto de bom a doença: perdoamos todas as ofensas, enterramos os ódios e, o que é melhor, tornamo-nos mais próximos de Deus e, no futuro, mais prudentes.

I

43. Sofre o invejoso, não o invejado.
44. Não convém causar injustiças, muito menos não as compensar.
45. Faze sempre aquilo que nunca te arrependas de ter feito.
46. Entre os fortes deve contar-se aquele a quem a razão move, e não a ira.
47. A idade juvenil busca o que é jovem.
48. O juiz que nega a justiça a um dos litigantes provoca, às vezes, mais injustiças.
49. Infelicíssima é a raça daqueles que só elogiam os outros, de si nada tendo que elogiar.
50. Considera verdadeiro amigo aquele que te visita, sem esperança alguma de lucro, nem levado por qualquer favor.
51. Ao deliberar, procede como um velho; ao irritar-te, imita uma criança.
52. É totalmente desprovido de juízo aquele que só está lembrado da vida presente e não da futura.

L

53. Suaviza-se, ao menos, qualquer dor com as consolações dos amigos.
54. Quanto mais duro parece o esforço exigido pelas acções honestas, tanto mais alegre ele virá a ser.
55. Os lábios e os dentes são freios da palavra ociosa, não da boa palavra.

M

56. Mendacium etsi per se ipsum foedum est, tanto tamen foedius quanto maior is a quo committitur habetur.
57. Miser est is qui omni spe destitutus est.
58. Magni labores magna praemia exposcunt.
59. Misera est poetarum conditio: aliorum laudes canunt, suas deplorant miserias, quas si non habent, summo labore adinueniunt.
60. Miserius nihil est in uita sene egente, aegroto, uitioso.
61. Maioribus seuerum potius quam iocundum te praebeas, minoribus contra.
62. Multo minus dedecus est nunquam studuisse quam male.

N

63. Non otiosis uirtus quaesita est.
64. Nihil infelicius quam amicitias carere.
65. Nihil ab humanitate ab ipsaque ratione magis alienum puto quam amicitiam iampridem comparatam leuibus causis frangere.
66. Nunquam desperandum.
67. Non doleas si tibi immerito detrahitur; dole si merito.
68. Nunquam uirtus contremuit.
69. Non cupimus senes fieri, sed uiuere; et tamen — quod maxime odiosum est — dum uiuimus inuiti senes efficimur.
70. Nemo ab amico plus eo quod dare uelit capiat, nec plus dare quam uelit.

M

56. A mentira, ainda que por si mesma seja feia, tanto mais feia é, quanto maior é a consideração de que goza aquele que a pratica.
57. Desgraçado é aquele que foi abandonado de toda a esperança.
58. Grandes trabalhos pedem grandes prémios.
59. Infeliz é a condição dos poetas: cantam as glórias dos outros, lastimam as misérias próprias, as quais, se não têm, com grandíssimo trabalho inventam.
60. Nada na vida é mais triste que um velho indigente, doente e vicioso.
61. Com os mais velhos, mostra-te antes sério que alegre; com os mais novos, ao contrário.
62. É muito menor desonra nunca ter estudado do que ter estudado mal.

N

63. Os ociosos não procuram a virtude.
64. Nada mais lamentável que não ter amigos.
65. Nada considero mais alheio à compreensão humana e à própria razão do que, por motivos ligeiros, romper uma amizade há muito contraída.
66. Nunca se deve desesperar.
67. Não te aflijas se dizem mal de ti sem razão; aflige-te, se com razão.
68. Nunca a virtude vacilou.
69. Não desejamos tornar-nos velhos, mas viver; e entretanto — o que é acima de tudo odioso — enquanto vivemos, tornamo-nos velhos sem o querer.
70. Ninguém receba de um amigo mais do que aquilo que queira dar-lhe, nem dê mais do que queira receber.

71. Nunquam oberrabis si in omnibus dictis ac factis prudentia uteris.
72. Nihil habet humani qui calamitatibus non mouetur alienis.
73. Nascentes spinae ab agro uellendae sunt, ne radices altius faciant; eadem seruanda est in hominibus regula.

O

74. Optima quaeque facere priusquam dicere debemus.
75. Odiosus est omnibus auarus diues.
76. Omne infortuniorum initium aut insolentia aut negligentia facit, aut his exceptis casus.

P

77. Potius doctus pauper quam indoctus diues, siquidem alterum deesse potest, alterum nunquam esse desinit.
78. Plusquam fortis est qui inter delicias Venere non excitatur.
79. Paupertatem quantum possumus fugiamus; si non possumus patienter dorso feramus quia res est quae diligentia repellitur.
80. Plus est iracundiam cohibere quam inimicos uincere.
81. Potius tu fias aliis bonorum exemplar quam alii tibi.
82. Poeta dum alios celebrat se ipsum immortalem facit.
83. Potior est pauperis conditio quam diuitis iniuste possidentis, pauper enim nostro cruciatur saeculo, diues sempiterno; ille nullorum sentit murmura, hic omnium concutitur querelis.
84. Plusquam mortuus est qui nulla gloria excitatur.

71. Nunca errarás se, em tudo o que dizes e fazes, de prudência usares.
72. Nada tem de humano quem não se comove com as desgraças alheias.
73. Os espinhos que nascem do campo cultivado devem ser arrancados para que não produzam raízes mais profundas; a mesma regra se deve observar entre os homens.

O

74. Devemos fazer o melhor antes de o apregoar.
75. Odioso é para todos um rico avarento.
76. Todo o começo de infortúnios resulta ou da insolência, ou da negligência ou, excluídos estes motivos, do acaso.

P

77. Vale mais um douto pobre que um ignorante rico, porque a primeira situação pode deixar de existir, a segunda, nunca.
78. É mais que forte aquele que entre delícias não se excita com a luxúria.
79. Evitemos a pobreza o mais possível; se não podemos, levemo-la às costas pacientemente porque é uma situação que se afasta com a diligência.
80. Vale mais conter a cólera que vencer os inimigos.
81. Antes sejas tu para os outros modelo de bons que os outros para ti.
82. O poeta, enquanto celebra os outros, a si próprio torna imortal.
83. É preferível a condição do pobre à do rico que possui injustamente, pois o pobre é atormentado nesta vida, o rico, na vida eterna; aquele não conhece as murmurações de ninguém, este é sacudido pelas queixas de todos.
84. Mais que morto está quem se não deixa seduzir por glória alguma.

Q

85. Quod alii negaturus es, ab alio non petas.
86. Quod pro te aequum iudicas, pro aliis iniquum censere noli.
Quae naturaliter euenire solent, mirari non debes.
87. Quem probis liberis fortuna siue Deus orbauit lugere nolit ; lugeat cum uitiosi moriuntur.
88. Quod ignoras non erubescas ab aliis discere.
89. Quae alios facienda mones, tu ipse in primis facias.
90. Quod nunquam credidisti forte fuit; ita quod non est, futurum credas.
91. Qui pro Deo auarissimus, pro diabolo liberalissimus est, non uiuet in aeternum, sed qui contra fecerit.
92. Quod diu multo labore quaesiuisti caue ne cito propter iram perdas.
93. Qualis quisque sit, sese ipse ostendit¹¹.

R

94. Rusticus magis putandus est quam ignarus, qui ueritati nimis resistit.
95. Reum criminis se facit qui nullo culpante defensionem quaeritat.
96. Rebus praeclare gestis gaudemus; geramus ergo semper res claras ut semper gaudere possimus.

¹¹ Esperar-se-ia o conjuntivo *ostendat*.

Q

85. Aquilo que hás-de recusar a outrem, a outro não o peças.
86. O que consideras justo para ti não o julgues injusto para os outros.
Daquilo que costuma acontecer naturalmente, não deves admirar-te.
87. Não chore aquele a quem a fortuna ou Deus privou de filhos honrados; chore sim, quando morrem filhos perversos.
88. O que ignoras, não cores de o aprender de outros.
89. O que recomendas que os outros devem fazer, fá-lo tu próprio em primeiro lugar.
90. Aquilo em que nunca acreditaste, por acaso existiu; assim, acredita que aquilo que não existe poderá vir a existir.
91. Quem para Deus é muito avaro, para o diabo muito liberal, não viverá eternamente, mas sim, quem fizer o contrário.
92. Aquilo que, com muito trabalho durante largo tempo, alcançaste, toma cuidado, não vás perdê-lo, num instante, por causa da ira.
93. Como cada um for, assim se mostre.

R

94. Mais rude do que ignorante se deve considerar quem à verdade resiste em demasia.
95. Réu se torna aquele que, sem o acusarem, procura constantemente defender-se.
96. Com boas acções nos alegramos; portanto, boas acções pratiquemos sempre, para que sempre nos alegremos.

S

97. Sapientis est laudem et gloriam in uirtute, non in fortunae bonis sitas arbitrari.
98. Satis diues est qui animo diues est.
99. Se ipsum uincit qui bilem temperat.
100. Sapiens euentum prius rerum quam initia prospicit.
101. Seuerus iustusque princeps lupum cum agno colludere faciet.
102. Solers nauta scopulos euitat; uir temperatus mulierum blanditias.
103. Summopere animaduertendum est quod, ubi, quando et coram quibus loquamur.
104. Seruus qui nunquam fugit posset aliquando fugere; sic qui malus nunquam fuit posset aliquando malus esse incipere.
105. Si pro beneficio collato ingratitude consequeris, uindictam non quaeras sumere sed Deo optimo maximo omnia commenda.
106. Si quid graue dicturus aut facturus es, animo saepius praemeditare.
107. Si quis ad aliquod peruenire fastigium desiderat, opus est ei uirtute, prudentia, patientia.
108. Summa est dissensio uirtuti cum inuidia; ab initio uirtus opprimitur, postremo cum laude gloriosa uictrix existit.

T

109. Talem te exhibeas qualem profiteris.
110. Tanta est uirtutis uis ut ab inimico possessam diligamus.

S

97. É próprio do sábio considerar que louvor e glória residem na virtude, não nos bens de fortuna.
98. Bastante rico é quem é rico de espírito.
99. A si próprio vence quem modera a indignação.
100. O sábio considera o resultado dos actos antes do seu início.
101. O príncipe severo e justo fará o lobo brincar com o cordeiro.
102. O navegante hábil evita os rochedos; o homem moderado, a lisonja das mulheres.
103. Com o maior cuidado deve advertir-se o quê, onde, quando e diante de quem falamos.
104. O escravo que nunca fugiu poderá, algum dia, fugir; assim, quem nunca foi mau poderá, algum dia, começar a sê-lo.
105. Se, a troco do benefício concedido, receberes ingratidão, não procures vingar-te, mas a Deus muito bom e muito grande tudo confia.
106. Se estás para dizer ou fazer algo importante, medita-o previamente, no teu íntimo, muitas vezes.
107. Se alguém deseja atingir alguma proeminência, são-lhe necessárias coragem, prudência e paciência.

T

108. Virtude e inveja opõem-se em extremo: a princípio, a virtude é oprimida; por último, com louvor, sai vencedora gloriosa.
109. Mostra-te tal qual te declaras.
110. Tão grande é a força da virtude que a estimamos até num inimigo.

111. Tempus perditum dolemus; interdum caueamus igitur quod adhuc non perdidimus, identidem aliquando doleamus.

V

112. Vitam ducit in tenebris qui uitiose uiuit.

113. Viue laetus ut longius uiuas.

114. Vitium adeo sordidum est quod etiam ipsi uitioso odio sit.

115. Virtus adeo clara est ut a uitiosis ametur.

116. Vis fieri proximus Deo? In aduersis patiens esto.

117. Virtutem in aliis laudare gaudes; fac ut ab aliis in te eam laudari glorieris.

118. Vita humana breuis est; quam dum tristes uiuimus multo breuiorem facimus.

119. Ventri qui ultra modum indulget totum corpus cum anima perimit.

120. Venetiis cum essem et inter tot opulentias ac diuitias nummis ad quadrantem carerem, ut durum tempus agerem, dixi ipse mecum:

— Quanti hoc litterarum quod habes non uenderes? Decem?

— Non.

— Centum?

— Non.

— Quanto ergo? Mille aureis?

— Minime.

— Igitur, existimes te plus mille aureis possidere.

111. Choramos o tempo perdido; entretanto, oxalá não venhamos a chorar, um dia, igualmente, aquele que ainda não perdemos.

V

112. Vive nas trevas quem viciosamente vive.

113. Vive alegre, para que mais tempo vivas.

114. O vício é de tal modo sórdido que até ao próprio vicioso é motivo de ódio.

115. A virtude é de tal modo notável que até pelos viciosos é estimada.

116. Queres ficar próximo de Deus?¹² Sê paciente na adversidade.

117. Alegras-te de louvar a virtude nos outros; esforça-te por poderes gloriar-te de que, em ti, os outros a louvem.

118. A vida humana é breve; e, se vivemos tristes, muito mais breve a tornamos.

119. Aquele que cede ao ventre, além da medida, destrói por inteiro o corpo e a alma.

120. Estava eu em Veneza e, entre tanta opulência e riquezas, não tinha sequer um cêntimo. Para passar este mau bocado, disse comigo mesmo:

— Por quanto não venderias esta cultura que possuis? Por dez?

— Não.

— Por cem?

— Não.

— Então por quanto? Por mil moedas de ouro?

— De forma alguma.

— Então considera que possuis mais de mil áureos.

¹² A interrogação já foi usada por G. Batelli, na transcrição latina.

Bibliografia

- BARRETO, Manuel Saraiva, “ Uma *Ars Eloquentiae* dos Primórdios do Humanismo em Portugal”, *Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra*, 37, 1982.
- BATELLI, Guido, “Parisii Cataldi Siculi Prouerbia”, *O Instituto*, 78, Coimbra, 1929.
- _____, “ Parísio Cataldo Sículo”, *O Instituto*, 79, Coimbra 1930.
- CAVALEIRO, Estêvão, *Noua Grammatices Mariae Matris Dei Virginis Ars*, Lisboa, Valentim Fernandes, 1516.
- ERASMO de Roterdão, *A Guerra e Queixa da Paz*. Introdução, tradução do latim e notas de A. Guimarães Pinto, Lisboa, Edições 70, 1999.
- RAMALHO, Américo da Costa, *Para a História do Humanismo em Portugal I*, Coimbra, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos (INIC), 1988.
- _____, *Para a História do Humanismo em Portugal II*, Lisboa, FCG / JNICT, 1994.
- _____, *Para a História do Humanismo em Portugal III*, Lisboa, INCM, 1998.
- _____, “O Touro e a bigorna: quatro epigramas de Cataldo”, *Humanitas*, 52 , 2000.
- SÍCULO, Cataldo Parísio, *Epistolae et Orationes*, Edição fac-similada. Introdução de Américo da Costa Ramalho, Coimbra, por ordem da Universidade, 1988.

Cataldus alphonso portugalie p:incipi. S.
Doctea q̄ opus illud abinuictissimo rege: patre tuo: mihi demāda
 tū p̄fecerā: fortunatissime p̄nceps: cogitavi mecū quōdā ⁊ argu-
 to ingenio tuo: ⁊ isti p̄be indoli iocundum ac conducibile tali tēpore existe-
 ret: duo potissimū mihi in mentē venerūt. Alterū moralis fuit disciplina: p
 uerbijs quibusdā annotata. Alterū vero polite: ornate: pulchre q̄ dicēdi ge-
 nus. Et q̄bus tū voluptatē: tū emolumentū aliq̄d celsitudini tue futurū iu-
 dicaui. Nec nō tui amātissimo patri rē gratissimā fore arbitrat⁹ suz. Quas
 quidē lucubratiūculas q̄lescūq̄ ⁊ quātecūq̄ sunt: vt nomini tuo spōte dica-
 uimus: ita iussu tuo infectas adhuc: tibi emisimus: vt donec reliquū absol-
 ueremus: aliquā his p̄ncipijs operā daret. vtq̄ tu ipse nullo indigēs inter-
 prete a moralib⁹ ad elegātijs te transferres. Rursum ab elegātijs ad mora-
 ralia animū deduceres. Quo fieret. vt paucis post dieb⁹ ex illustri multo ef-
 ficereris illustrior. Et quēadmodū ceteros p̄ncipes ingenio: morib⁹: atq̄
 oibus animi corp⁹isq̄ virtutibus excellis: ita bonis artibus optimisq̄ in-
 stitutionib⁹ vinceris. Fac precor: ne plus cure in te formādo habuerit natu-
 ra: q̄ tūmet inte ipso expoliēdo: eromādoq̄ adhibueris diligētie. Qd si fa-
 cies: parentib⁹ in primis: ⁊ populis nō minus fere externis q̄ tuis rem pio-
 cundam te facturum existima. Adēq̄ ex faustis initijs ad ampliora ⁊ ad
 huius p̄cipue operis absolutionem plurimū excitabis. Vale.

Proverbia.

A

Ante alios venerare deum: venera-
 re parentes.
 Amens est: qui deum non timet.
 A peccato abstinet: qui diuinā ma-
 iestatem contemplatur.
 Anima ex corporis actionib⁹ p̄det
 A veritate profusus abhorret: q̄ cor-
 poris nō anime studet.
 Amicorū propriū est prosperis con-
 gratulari: aduersis succurrere.
 Arrogantia est seipsuz cōmēdare:
 ignorantia: suo loco tacere.
 Afflicto nihil est dulcius opportu-
 na consolatione.
 Ad bonas artes feruens incumbet:
 ob temporis celeritatem. Peritia
 illustrat: imperitia fedat.

Amaram ⁊ dulce: castigatio ⁊ lu-
 xuria. Ad medicina amara corp⁹: cō-
 fessio amarissima animā curat.
 Amice: equidē nesciui te egrotasse:
 quia visitassem. insulsa ⁊ inepta ex-
 cusatio. Deuisti scire.
 Adulator: ceteris vespa ē: suis vipa
 Adulatoris multo magis: q̄ alteri⁹
 verbis magnorū p̄ncipiū iēnia
 corrumpuntur.
 Amor placet: venus nō placet.

B

Beatus is esse nō potest: cui aliqua
 rerum inest perturbatio.
 Bona querēda nobis sunt: vt que-
 sitis ad vtriusq̄ vite commodita-
 tem bene vtamur.

Bonorum amissionē: si quis a puerl-
tia non ita edoctus est: ut refarcire
aut equo animo ferre possit: seipsum
quoque penitus amittet.

Balbus sola necessitas eloquentē
reddit.

Bis in paupertatem qui sua culpa
deuenit: nec eam reppulit: infortu-
natissimus est.

Corpus nitidū seruare debemus:
multo nitidiorē animam.

Clementia magna est: nocentibus
parcere: maior: cū possis: nō offe-
re: maxima benefacere.

Cui seruias diligenter inspicito: ne
postmodū de te ipso cōqueraris.

Confide virtuti.

Clericus vacās ocio: e numero bo-
norum reiiciendus est.

Cicero etiā maledicendo: bñdixit.

Claue: ne nimia amici liberalitas
te rusticum faciat.

Cultus ager si spinas pducit: mali
soli natura est: ita homo instructus
si viciosus sit: mali ingenij est.

Difficillimum est inter mortales si-
ne molestijs viuere.

Deus nō minus in hoc quā in altero
seculo peccatores punit.

Duo sunt inimici capitales: virtus
et viciū.

Diuēs indoctus sine moribus que-
dam pecus haberi debet.

Eo modo viuere: ut perpetuo viuas.

Fortuna vel industria amicitias p-

bet: seruat prudentia.
Fac abhorreas ab eo: quod i alijs
turpe existimas.

Bonus in homine minus queren-
dum est quā virtus.

Graue est ab amico palam offendi
gravius latenter ledi.

Seminatus debet esse dolor: bis re-
prehensio: errare.

Besta clarissimorum virorum in omni
virtutum genere imitanda nobis
proponamus.

Dominū nullū animal comodius et
perniciosius muliere.

Hoc habet naturale virtus et viciū
ut diu latere nequeant.

Humanitas nocuit: nocuit diuitas
Habet id boni egrotatio: omnes
iniurias remittimus: odia deponi-
mus: quodque optimū est: deo pro-
pinqui efficimur: et in posterū pru-
dentiores.

Inuidi pena est: nō inuidiosi.
Inuriā inferre nō decet: multo mi-
nus non remittere.

Is semper age: quod te egisse nun-
quā peniteat.

Inter fortes habendus est is: quē ra-
tio mouet: non autem ira.

Iuuenilis etas iuuenilia exproscit.
Iudex negans alteri litigantiū iu-
sticiā: plures interdum inducit in-
iusticias.

Infelicissimū genus eorum est: qui
de alijs tantum predicant: de se ni-
hil habentes.

h iij

Nullū vere amicum reputa: qui nullo emolumentorum spe: neq; vlla uictus gratia te frequentat.
In cōsulendo agas te senem: in irascendo puerum imitare.
Is est penitens mētis inops: q̄ solū p̄sentis: nō futuri memor sit seculi.

¶

Lenitur saltem omnis dolor: amicorum consolationibus.
Labor honestarū rerū q̄nto durior videt: tanto iocundior futurus est.
Labra et dentes: ociosi verbi: non boni: sunt frena.

¶

Amendaciū et si per seipsum sedum est: tanto tamen sedius: quāto maior is a quo cōmittitur: habetur.
Adifer est is: qui omni spe destitutus est.
Adagni labores magna premia expescunt.
Adifera est poetarū cōditio aliorū laudes canūt: suas deplorant miserias: quas si nō habent: summo labore adinueniunt.
Adiferi nihil est in vita: sene: egente: egroto: vicioso.
Adatoꝝ seuerū potius q̄ iocundū te prebeas: minoribus contra.
Aulto minus dedecus est: nunq̄ studuisse q̄ male.

¶

Nō ociosis virtus quesita est.
Nihil infelicius q̄ amicitijs carere.
Nihil ab humanitate ab ipsaq; ratione magis alienū puto q̄ amicitiam lampidem comparatam leuibus causis frangere.

Nunquam desperandum.

Non doleas si tibi immerito detrahitur: dole si merito.

Nunq̄ virtus contremuit.

Non cupimus senes fieri: sed viuere: et tamē qd̄ maxime odiosus est: dū viuim⁹: inuicti senes efficimur.

Nemo ab amico plus eo qd̄ dare velit: capiat: nec plus dare q̄ velit.

Nunq̄ oberrabis si in omnibus dictis ac factis prudentia vteris.

Nihil habet humani: qui calamitatibus nō mouetur alienis.

Nascentes spine ab agro vellende sunt: ne radices altius faciāt: eadē seruanda est in hominibus regula.

⊙

Optima queq; facere prius q̄ dicere debemus.

Odiosus est oibus auarus diues.

Omne infortuniorum initium aut insolentia aut negligētia facit: aut his exceptis casus.

¶

Potius doctus pauper: q̄ indoctus diues. Siquidē alteruz deesse potest: alterum nunq̄ esse desinit.

Plus quas fortis est: qui inter delicias venire non excitatur.

Paupertatē: quantū possumus: fugiamus: si nō possumus: patiēter dorso feramus: quia res est que diligentia repellitur.

Plus est iracundiā cohibere: quā inimicos vincere.

Potius tu fias alijs bonorū exemplar: quā alij tibi.

Poeta dum alios celebrat: seipsus immortalē facit.

Potior est pauperis cōditio: q̄ diuitis iniuste possidentis. **P**auper enim nostro cruciat seculo: diues sempiterno: Ille nullū sentit murmur: hic omnium cōcutit querelis **P**lus q̄ mortuus est: qui nulla gloria excitatur.

Q

Quod alij negaturus es: ab alio nō petas.

Quod pro te equū iudicas: p̄ alijs iniquū censere noli.

Que naturaliter euenire solent: mirari non debes.

Quem probis liberis fortuna siue deus orbauit: lugere nolit: lugeat cum viciosi moriuntur.

Quod ignoras: non erubescas ab alijs discere.

Que alios faciēda mones: tu ipse in primis facias.

Quod nūq̄ credidisti forte fuit: ita quod nō est: futurum credas.

Qui pro deo auarissimus: pro diabolo liberalissimus est: nō viuet in eternum: sed qui contrafecerit.

Quod diu multo labore quesuisti caue ne cito propter iram perdas.

Qualis quisq̄ sit: se se ipse ostendit

R

Rusticus magis putāndus est quas ignar⁹: qui veritati nimis resistit.

Reū criminis se facit: qui nullo culpante defensionem queritat.

Rebus p̄clare gestis gaudem⁹: geramus ergo semper res claras: vt semper gaudere possimus.

S

Sapiētis est laudē ⁊ gloriā i virtute

nō in fortūe bonis sitas arbitrari. **S**atis diues est: qui aīo diues est. **S**e ipsus vincit: qui bilem tēperat. **S**apiens euentum prius rerum: q̄ initia prospicit.

Seuerus: iustusq̄ princeps lupus cum agno colludere faciet.

Solers nauta scopulos euitat: vtr temperatus mulierum blādicias.

Sūmope aiaduertēdū est: q̄d: vbi q̄ndo: ⁊ corā quibus loquamur.

Seru⁹. q̄ nūq̄ fugit. posset aliq̄ndo fugere. sic q̄ mal⁹ nunquā fuit.

posset aliq̄ndo mal⁹ esse incipere.

Si p̄ bñficio collato. i gratitudinē cōsequis. vindictā nō q̄ras sumere s̄ deo optio maxio oīa cōmēda

Si q̄d grate dicitur⁹. aut factur⁹ es animo sepius premeditare.

Si quis ad aliq̄d puenire fastigi⁹ desiderat. opus est ei virtute. prudentia. patientia.

Summa est dissensio virtuti cui⁹ inuidia. ab initio virtus opprimitur

postremo cum laude gloriosa victrix existit.

T

Talē te exhibeas. qualē profiteris.

Tanta est virtutis vis. vt ab inimico possessam diligamus.

Tēpus perditum dolem⁹ interdū caueam⁹ igitur q̄d adhuc nō perdidim⁹. idē tēdē aliq̄ndo doleam⁹

V

Vitam ducit in tenebris: qui vicio se viuit.

Vive letus. vt longius viuas.

Vicium a deo sordidū est. q̄d etiā ipsi vicioso odio sit.

Virtus a deo clara est: ut a viciosis
ametur.

Eis fieri proximus deo in aduer-
sis patiens esto.

Virtutem in alijs laudare gaudes:
fac ut ab alijs in te eā laudari glo-
rieris.

Vita humana brevis est: quā duz
tristes viuimus: multo breuiorem
facimus.

Vetri: q̄ ultra modū indulget: totū
corpus cum anima perimit.

Venetijs cuz essem: et inter tot opu-
lentias: ac diuitias: nūmis ad qua-
drantem carerem: ut durum tem-
pus agerem. dixi ipse mecū. quāti
hoc litterarū: quod habes: nō ven-
deres: decem: non: centum: non:
quāti ergo: mille aureis: minime.
igitur existimes te plus mille au-
reis possidere.

Índice Onomástico

Afonso (D.) — 165, 166, 169
Albuquerque, Luís de — 167
Alexander (Alessandro Tartagni) — 167
Barbatus (Andrea Barbazza) — 167
Barreto, Manuel Saraiva — 166, 190
Batelli, Guido — 165, 189, 190
Bolonha — 167
Cavaleiro, Estêvão — 165, 190
Cícero — 175
Deus — 173, 177, 185, 187, 189
Erasmus, Desidério — 166, 190
Ferrara — 167
Itália — 165
João II (D.) — 165, 169
Jorge (D.) — 165, 166
Leonor (D.) — 169
Fernandes, Valentim — 165, 190
Pinto, A. Guimarães — 166, 180
Ramalho, Américo da Costa — 165, 166, 169, 190
Roterdão — 166, 190
Santarém — 169
Sículo, Cataldo Parísio — 165, 166, 167, 169, 190
Sousa, António Caetano de — 165
Veneza — 167, 189